

A detail from Raphael's fresco 'The School of Athens'. It depicts Plato, an older man with a white beard and hair, wearing a white robe and holding a scroll aloft. He is looking upwards. Below him, Aristotle, a younger man with dark hair, wearing a blue and yellow robe, is gesturing downwards with his right hand while holding a book in his left. The background is dark and textured.

ANTÓNIO REBELO
MARGARIDA MIRANDA
(COORDS.)

O MUNDO CLÁSSICO E
A UNIVERSALIDADE DOS
SEUS VALORES

HOMENAGEM A NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES

VOLUME II

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

António Manuel Ribeiro Rebelo é Professor Associado da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde lecciona desde 1988. É membro do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Tem desenvolvido a sua investigação no âmbito das línguas e literaturas clássicas, e muito particularmente na área da filologia latina medieval. É membro de várias sociedades académicas e científicas, nacionais e internacionais.

Maria Margarida Lopes de Miranda é membro do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos e Prof. Associada da Univ. de Coimbra, onde fez doutoramento e ensina na área da Língua Latina e dos Estudos Clássicos. Tem como principais áreas de investigação as fontes neolatinas do Humanismo Renascentista, nomeadamente a acção cultural e pedagógica dos Jesuítas e a sua produção cultural, literária, artística e filosófica.

ANTÓNIO REBELO
MARGARIDA MIRANDA
(COORDS.)

O MUNDO CLÁSSICO E A UNIVERSALIDADE DOS SEUS VALORES

HOMENAGEM A NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES
VOLUME II

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

SÉRIE HUMANITAS SUPPLEMENTUM
ESTUDOS MONOGRÁFICOS

TÍTULO TITLE

O MUNDO CLÁSSICO E A UNIVERSALIDADE DOS SEUS VALORES

COORDENADORES EDITORS

António Rebelo

Margarida Miranda

Assistentes Editoriais Editorial Assistants

Daniela Pereira

Leonor Lima

Teresa Nunes

EDITORES PUBLISHERS

Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra University Press

www.uc.pt/imprensa_uc

Contacto Contact

imprensa@uc.pt

Vendas online Online Sales

<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

Coordenação Editorial Editorial Coordination

Imprensa da Universidade de Coimbra

Conceção Gráfica Graphics

Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira

Infografia Infographics

Jorge Neves

Impressão e Acabamento Printed by

KDP

ISBN

978-989-26-2033-6

ISBN Digital

978-989-26-2034-3

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-2034-3>

CAPA COVER

Raffaello, sibille e angeli

Public domain via Wikimedia Commons



Projeto UID/ELT/00196/2019 - Centro de Estudos
Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

© Novembro 2020

Imprensa da Universidade de Coimbra

Classica Digitalia Universitatis Conimbrigenis

<http://classica.digitalia.uc.pt>

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
da Universidade de Coimbra

HUMANISMO E
RENASCIMENTO NA
CULTURA PORTUGUESA

RETÓRICA E TEATRO NOS COLÉGIOS DOS JESUÍTAS: *UIR BONUS DICENDI PERITUS*

ANTÓNIO MARIA MARTINS MELO
Univ. Católica Portuguesa, CEFH, FFCS
ORCID: 0000-0001-9425-6848
antmelo@braga.ucp.pt

0. RETÓRICA E SENSO COMUM

É do senso comum o entendimento de que a Retórica é a arte da eloquência, a arte da oratória, seja ela política, forense ou religiosa. Faz ela uso da linguagem humana que, naturalmente, deve estar ao serviço da verdade. E, assim, tanto mais visível será a eloquência, o encanto do orador, facilitando o seu objetivo primordial, o de persuadir. Por isso, a retórica se define como a arte da persuasão.

Quando à defesa da verdade se junta o dom da eloquência, então logo se identifica no seu possuidor uma *auctoritas* que emana por si e sobreleva os circunstâncias: quanto mais verdadeiro, mais eloquente e isso facilmente é reconhecido pelo vulgo. Deste modo, a retórica não se pode conceber como mero artifício literário de persuasão e convencimento.

Bem se pode dizer, com efeito, que todo o ato de comunicação humana é passível de um entendimento retórico, pois tudo o que se diz ou se escreve, de alguma forma, tem implicações de carácter persuasivo ou de influência¹.

1. A RETÓRICA NA ANTIGUIDADE GRECO-LATINA

Nos Poemas Homéricos já se podem apreender os primeiros sinais da valorização da eloquência. Com efeito, numerosos são os discursos ali registados, sobretudo um passo em particular da *Ilíada*, a célebre embaixada, no canto 9, em que Ulisses, Fénix e Ajax tentam persuadir Aquiles a regressar aos combates. Aí, nesse primeiro livro da cultura ocidental, quando Fénix, preceptor de Aquiles, toma a palavra e destaca a sua missão de ensinar o Pelida “a ser orador de discursos e fazedor de façanhas” (9. 443), nos campos de batalha, pois, segundo aquele educador, é nas “assembleias, onde os homens se engrandecem” (9. 441)². Ao herói Aquiles, “de pés velozes”, não lhe bastava a destreza física; para alcan-

¹ Júnior 2004: 21.

² Homero 2005: 192.

çar o estatuto de herói era-lhe determinante alcançar reconhecimento junto dos seus concidadãos. A isso muito o ajudaria o domínio da arte da oratória, o ser construtor exímio de discursos, capazes de obter o favor do auditório, de forma a reconhecer-lhe um lugar ímpar entre os seus pares³. Não é nossa intenção dirimir aqui a controversa questão da origem da retórica, já esclarecida de forma eloquente entre nós⁴.

Neste contexto, é lícito afirmar que, nas suas origens, a retórica apresenta um perfil claramente político. Transforma-se num instrumento de ação política, que o cidadão vai usar livremente na pólis. Com ela, conhece Atenas o esplendor dos séculos V e IV a. C⁵, que muito ficaria a dever-se a um estadista ímpar da sua história, Péricles. Orador reconhecido, um verdadeiro condutor de homens, com ele se assiste à transição de um período da eloquência espontânea para uma oratória erudita, simultaneamente retórica e dialética⁶. Testemunhos contemporâneos apresentam-no como um líder que irradiava a sua autoridade a partir de algumas virtudes peculiares: possuidor do dom da palavra, afirma-se pela condução serena da cidade, valorizando a ação em detrimento das palavras e persuadindo o povo a agir segundo a razão; a estas virtudes, aliava ainda o seu carácter íntegro e moderação na vida particular⁷. Uma autoridade persuasiva que, à maneira de Aristóteles, assentava em três pilares fundamentais: o carácter do orador, que faz digno de fé; a disposição dos ouvintes, que se deixam emocionar pelo discurso; persuade-se, enfim pelo discurso, quando se mostra a verdade⁸.

As implicações éticas e a necessidade de a fundamentar na verdade são temas caros à retórica grega, pois “a Retórica é útil porque a verdade e a justiça são por natureza, mais fortes que os seus contrários. De sorte que, se os juízos se não se fizerem como convém, a verdade e a justiça serão necessariamente vencidas pelos seus contrários, e isso é digno de censura”⁹.

Em Roma, a oratória política tem em Cícero um dos seus mais exímios representantes:

Nunc hoc propono, quod mihi persuasi, quamvis ars non sit, tamen nihil esse perfectio oratore praeclarius; nam ut usum dicendi omittam, qui in omni pacata et libera ciuitate dominatur, tanta oblectatio est in ipsa facultate dicendi, ut nihil hominum aut auribus aut mentibus iucundius percipi possit,

³ Rocha Pereira 2000: 39-56.

⁴ Rocha Pereira 2012: 42-45.

⁵ Eire 2002: 12.

⁶ Júnior 2008: 2.

⁷ Cf. Ferreira 1990: 53-63, respectivamente: Ar., Ra. 530-531; Th. 2. 65. 5; Th. 2. 35. 1; Th. 2. 60-65 e Plu. Per. 15; Th. 2. 65. 8.

⁸ Aristóteles 1998: 49-50; Arist. Rh. 1356a.

⁹ Aristóteles 1998: 47; Arist. Rh. 1355a.

Proponho agora dizer-vos aquilo que é minha convicção: é que pode não ser uma arte; contudo, nada há de mais ilustre que um orador perfeito. Na verdade, para já não falar da utilidade da oratória, que é soberana em toda a cidade que viva em paz e com liberdade, é tal a fascinação da habilidade oratória que nada de mais aprazível pode ser percebido por ouvidos ou mentes humanas¹⁰.

Com o advento do principado e durante a época imperial perde importância a oratória política. Ao mesmo tempo, a cristianização do império romano vai exigir um esforço de adaptação do discurso ao *ethos* do destinatário. E assim se abrem as portas para o aparecimento de uma primeira síntese entre a cultura antiga e o cristianismo. Trata-se do livro IV do *De doctrina christiana* (4. 12. 27), concluído muito provavelmente no ano 427 d. C. Diz Santo Agostinho, citando o *De oratore* de Cícero, na nossa tradução: *Dixit ergo quidam eloquens, et uerum dixit, ita dicere debere eloquentem, “ut doceat, ut delectet, ut flectat”*. Deinde addidit: *“Docere necessitatis est, delectare suavitatis, flectere victoriae”*, isto é, em vernáculo, *então, um célebre orador disse, e disse a verdade, que o orador deve falar de tal maneira “que possa instruir, deleitar e convencer”*. E, em seguida, acrescentou: *“instruir é próprio da necessidade; o deleitar, do encanto; o convencer, da vitória”*.

E acrescenta o bispo de Hipona, umas linhas à frente: *Sicut est autem ut teneatur ad audiendum, delectandus auditor; ita flectendus, ut moveatur ad agendum*, isto é, em vernáculo, *ora, do mesmo modo que se deve agradar para que o auditório se mantenha atento, assim também se deve persuadir para o levar a agir*.

2. A RETÓRICA NA PEDAGOGIA DOS JESUÍTAS

Com o advento dos colégios, primeiro para os estudantes da Companhia, e mais tarde, também para os externos, vai sedimentar-se o projeto apostólico-religioso de formação de uma juventude, que se pretende interventiva no plano político e religioso. Tinha ele por divisa a formação integral do homem, a simbiose integradora da formação intelectual humanista com a educação moral cristão. Trata-se de uma visão enformada pela *forma mentis* humanista que privilegiava o ideal de perfeição humana, atitude que caracterizou os homens do Renascimento¹¹. Esta exaltação antropocêntrica humanista¹² é-nos transmitida por Cataldo Parísio Sículo (*De perfecto homine*)¹³, por Giovanni Pico della

¹⁰ Rocha Pereira 2000: 27; Cic. *De Or.* 2. 8. 33.

¹¹ Soares 1994: 261; Kristeller 1962: 388.

¹² Garin 1964: 134 e Paparelli 1973.

¹³ Melo 1969.

Mirandola (*De hominis dignitate*) e Giannozzo Manetti (1396-1459), autor do *De dignitate et excellentia hominis*. A esta síntese entre a moral pagã e o cristianismo muito ajudariam as *Vitae* e as *Moralia* de Plutarco, figura tutelar do Renascimento, o que se confirma pelo apreço que dispensam ao autor de Quêronia quer François Rabelais (*Pantagruel*) quer Erasmo de Roterdão (*De pueris instituendis*)¹⁴.

Este espírito deve ser visto à luz de uma manifestação tardia do humanismo português, o que pode ter contribuído decisivamente para a afirmação da sua individualidade no contexto europeu, o qual se notabilizou numa literatura de viagens e na obra de divulgação dos descobrimentos, como há muito o demonstrou Joaquim Barradas de Carvalho e Luís de Sousa Rebelo o anotou¹⁵.

As experiências vivenciais que as navegações portuguesas propiciam aos indivíduos desta época – nomeadamente a fauna e a flora associadas às novas terras, de que nos dão testemunho, entre outros, Garcia de Orta¹⁶ e o médico albacastrense Amato Lusitano¹⁷, nos seus Comentários à obra de Dioscórides – catapultam o Homem para a consciencialização do lugar único que ocupa na Natureza, no Universo. Daqui emerge a descoberta da dignidade da sua existência, na esteira do pensamento do humanista italiano Pico della Mirandola (*De homininis dignitate oratio*, 1486), que o conduz ao desejo de desenvolver as suas faculdades intelectuais e físicas, em simbiose harmónica, tendo em vista o seu empenhamento na ação, a sua realização pessoal no seio da comunidade. Assim se explica o individualismo, por vezes exacerbado, que o coloca em rota de colisão com a Idade Média, naturalmente, o mesmo é dizer, de uma exaltação antropocêntrica humanista, que nos é transmitida por Cataldo Parísio Sículo, no *De perfecto homine* que, para além daquele, também havia de colher inspiração em Giannozzo Manetti (1396-1459), autor do *De dignitate et excellentia hominis*. E tudo isto nos aproxima da conceção de um humanismo cívico, com raízes no *Quattrocento* italiano, mais propriamente filiado no movimento cultural florentino¹⁸, e cuja primeira geração contará com nomes como os de Coluccio Salutati (1331-1406), Leonardo Bruni (1369-1444) e Leon Battista Alberti (1404-1472). Nas obras de todos eles «seria possível respirar florilégio de textos exemplares sobre o homem e a liberdade, pela qual o humano se ergue ao nível do divino»¹⁹.

¹⁴ Margolin 1966.

¹⁵ Carvalho 1980: 9 e Rebelo 1982: 8 e 37.

¹⁶ Orta 1563.

¹⁷ Lusitano 1553.

¹⁸ Soares 1994: 231-232.

¹⁹ Martins 1973: 120-121.

Deste modo, como sublinha Luís de Sousa Rebelo²⁰, se vai moldando o conceito de *humanitas*, agora de pendor universal, por oposição à *nobilitas*, pondo de parte qualquer privilégio de casta e sangue, como de início em sua defesa havia de escrever o humanista italiano da escola florentina Bracciolini Poggio (1380-1459). A formação humana há de ser baseada, principalmente, na leitura dos autores clássicos – a fé na exemplaridade do mundo clássico, dirá Nair Castro Soares²¹ – pois o humanista Enea Silvio Piccolomini (1405-1464), mais tarde Papa Pio II, acrescentaria a leitura dos Padres da Igreja, os livros do Antigo Testamento, os Evangelhos e a leitura de autores contemporâneos, como Leonardo Bruni, Guarini e Poggio²². E assim, através do *studium*, o homem atingia o seu pleno desenvolvimento, elevado ao grau superior da *virtus*, realizando um dos valores mais característicos dos Romanos, cuja formação em muito é idêntica à da *aretê* grega, como já há muito referiu Rocha Pereira no contexto da conceção da *virtus* na Antiguidade romana²³. Neste contexto, ganha singular relevância o apelo a um ambiente educativo mais humanizado, princípios pedagógicos esses que vão enformar o famoso tratado *De ingenuis moribus et liberalibus studiis adolescentiae*, do humanista do *Quattrocento* italiano Pier Paolo Vergerio (1370-1444), onde se apela ao fim dos castigos corporais²⁴, na linha de um humanismo cívico ou civil, como é definido respetivamente pelos críticos Hans Baron²⁵ e Eugenio Garin²⁶.

Foi esta propensão conciliatória do pensamento greco-latino com a doutrina da Igreja que havia de inspirar a grande súpula da pedagogia humanista, cristalizada na *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu*, mais conhecida pela designação abreviada *Ratio Studiorum*²⁷, e promulgada definitivamente em 1599, que é uma versão melhorada a partir de um primeiro documento de trabalho, elaborado ao tempo do quinto Geral da Companhia, Pe. Cláudio Aquaviva, corria o ano de 1586²⁸.

Situando-se o espírito que anima a pedagogia dos Jesuítas na esteira do humanismo cívico do *Quattrocento* italiano da escola florentina e tendo em conta o empenhamento da Companhia de Jesus na empresa dos descobrimentos, que se pode traduzir pela ideia de «gesta e de cruzada cristã» contra os infiéis, não será temerária a afirmação de que os Jesuítas sempre estiveram conscientes da

²⁰ Rebelo 1982: 73.

²¹ Soares 2004: 149.

²² Soares 1994: 105-106.

²³ Pereira 2002: 390-409.

²⁴ Soares 1994: 101-102 e Melo 2004: 302.

²⁵ Baron 1993.

²⁶ Garin 2008.

²⁷ Miranda e Lopes 2018.

²⁸ Bertrán-Quera 1986; Schmitz 1994: 63-108; Klein 1997: 32-44.

utilidade da dimensão política e social da retórica, ao serviço do bem comum²⁹, a que se aliavam agora imperativos de ordem religiosa.

No manual do sacerdote jesuíta Cipriano Soares (Ocaña, 1524 – Placencia, 1593), editado em Coimbra, corria o ano de 1562, intitulado *Arte de Retórica*, lê-se no capítulo II, do Livro I, a propósito da utilidade e da dignidade da retórica:

Dignitas eloquentiae, vel ex eo intelligi potest, quod in omni libero populo, maximeque in pacatis, tranquillisque civitatibus praecipue sempre floruit, semperque dominata est. Quid enim aut tam iucundum cognitu, atque auditu, quam sapientibus sentiis, gravibusque verbis ornata oratio et perpolita: aut tam potens, tamque magnificum, quam hominum animos unius oratione converti? Quid admirabilius quam res splendore illustrata uerborum?³⁰

A dignidade da eloquência até pode perceber-se pelo facto de em todos os povos livres, sobretudo nas cidades pacificadas e tranquilas, sempre ter florescido e sempre ter tido prestígio. Que haverá de tão agradável de se conhecer e sobretudo de se ouvir como um discurso ornamentado e aperfeiçoado com sábios pensamentos e com nobres palavras, ou que efeito tão poderoso e magnífico como mudarem-se os espíritos dos homens pelo discurso de um só? Que há de mais admirável do que um assunto ilustrado com o esplendor das palavras?³¹

Por isso, com naturalidade se entende que o mestre jesuíta tenha afirmado, logo no capítulo anterior que “a função da retórica é falar bem de maneira adequada a persuadir uma audiência, o seu objectivo é persuadir pelo discurso”.

Não é despidiendo recordar aqui a influência que a Companhia de Jesus exerceu junto da corte portuguesa, nomeadamente na educação de D. Sebastião, através do Pe. Luís Gonçalves da Câmara seu mestre e, mais tarde, confessor, havia de o educar para “fazer dele um rei que retirasse o país do marasmo em que então se encontrava e o elevasse à grandeza dos tempos áureos da prosperidade”³². Daí, talvez, a sua maior consciencialização da dimensão social da educação.

A *Ratio Studiorum* de 1599 haveria de consagrar estes princípios, compendiados nas «Regras para o Professor de Retórica», regra n.º 1:

²⁹ Miranda 2011: 94-115.

³⁰ Os textos de latim da *De Arte Rhetorica* de Cipriano Suárez foram transcritos a partir da edição digital disponibilizada pela Biblioteca Nacional, no seu portal da internet.

³¹ Soares 1995: 1.

³² Rodrigues 1939: 259-260.

Gradus huius scholae non facile certis quibusdam terminis definiri potest; ad perfectam enim eloquentiam informat, quae duas facultates maximas, oratoriam et poeticam comprehendit (ex his autem duabus primae sempre partes oratoriae tribuantur), nec utilitati solum servit, sed etiam ornatui indulget. Illud tamen in universum dici potest, tribus maxime rebus, praeceptis dicendi, stylo et eruditione contineri. Praecepta, etsi undique peti et observari possunt, explicandi tamen non sunt in quotidiana praelectione, nisi rhetoric Ciceronis libri, et Aristotelis tum Rhetorica, si videbitur, tum Poetica.

O programa desta classe [Retórica] não pode ser determinado facilmente entre limites precisos. Ela forma o estudante para a eloquência perfeita, que compreende duas matérias fundamentais, a oratória e a poética (devendo-se dar sempre a primazia à oratória). A eloquência tem em vista não apenas a utilidade do discurso mas também a sua elegância. De modo geral, pode dizer-se que ela abrange três componentes principais: os preceitos de oratória, o estilo e a erudição. Os preceitos podem ser estudados e analisados a partir de qualquer autor, mas nas preleções diárias não se devem explicar senão as obras retóricas de Cícero e de Aristóteles (a Retórica e eventualmente a Poética)³³.

Uma formação que tinha por objetivo último a valorização do uso da palavra, a formação do bom orador, o que equivale a dizer, *uir bonus dicendi peritus*. A este ideal irá obedecer a eleição dos exemplos literários a imitar, num exercício de emulação muito comum na escola humanista, nomeadamente nos colégios dos jesuítas, que editaram os seus próprios compêndios, muitos com autores censurados, o que se compreende à luz do espírito contra-reformista, de que a Companhia de Jesus foi a principal impulsionadora, na área da educação, isto é, na formação da juventude.

3. A TRAGICOMÉDIA *IOSEPHUS* DO MESTRE JESUÍTA PE. LUÍS DA CRUZ

Um bom exemplo para ilustrar o que acabamos de dizer é a tragicomédia *O José do Egipto – Iosephus*³⁴, do mestre Jesuíta Pe. Luís da Cruz (1543-1604), um dos autores mais representativos do teatro neolatino em Portugal e um dos mais estimados mestres nos Colégios da Companhia de Jesus, em Portugal, como há muito escreveu o investigador francês, Claude-Henry Frèches³⁵.

Conscientes da importância da retórica para a compreensão do teatro, uma perspectiva que tem merecido a atenção de alguns estudiosos³⁶, o estudo da tragicomédia *Iosephus*, que mereceu honras de publicação no ano de 2004, propõe

³³ Miranda e Lopes 2018: 282-283.

³⁴ Melo 2004.

³⁵ Frèches 1953: 141.

³⁶ Miranda 2012: 115-126.

uma leitura a partir de três operações fundamentais para a produção de um discurso retórico: a *dispositio*, a *inuentio* e a *elocutio*, com algumas referências à *actio* ou *pronuntiatio*.

No *Iosephus*, após a denúncia do vício que campeia por toda a parte, capaz de estimular a reflexão e o arrependimento individual, segue-se a *probatio*, com recurso à história de José do Egípto – a história da igreja apresenta este patriarca como uma *praefiguratio Christi* –, capaz de persuadir em definitivo o espectador para a mudança desejada. Trata-se do uso do *exemplum* enquanto poderoso recurso retórico, oferecendo deleite, autoridade, credibilidade e ensinamento, o que explica a importância que lhe dispensa Cícero (*Orat.* 34. 120): *exempla fidem faciunt*, isto é, os exemplos fazem-nos acreditar³⁷.

No terceiro livro do manual de Cipriano Soares (3. 49), ao tratar-se da exercitação para se desenvolver a capacidade de falar fluentemente, diz ele que não é ...

ut oratio, quae ferri debet ac fluere, dimetiendis pedibus, ac perpendis syllabis consenescat. Satis enim in hoc oratorem formabit multa scribendi exercitatio, ut extempore etiam apte numero seque dicat.

... para que o discurso que deve desenvolver-se e fluir, se consuma na medição de pés e na ponderação das sílabas. Formará bastante nesta capacidade o orador, o exercício de escrever muitas coisas, de tal maneira que também de improviso possa falar adequada e harmoniosamente³⁸.

Trata-se de um pensamento de raízes ciceronianas, como se pode ler no tratado *O Orador* (59. 200), que apresenta o orador justo, ideal e foi composto em 46 a. C. Um aspeto que é retomado desde o tratado *Do Orador* (1. 33. 150), publicado nove anos antes, em 55 a. C., onde ele trata da preparação do orador. Com efeito, segundo ele, a melhor maneira de aprender a falar bem é escrever: *stilus optimus et praestantissimus dicendi effector ac magister*, isto é, «a pena é o melhor e o mais eficiente mestre da arte de falar»³⁹.

Ora isto remete-nos para as *exercitationes* da pedagogia humanista, que assumem especial relevo nas variantes da *correctio* e da *uariatio* dos *themata*. No *Iosephus* de Luís da Cruz, S. J., dois passos podem exemplificar este exercício da *correctio*: a fala de Jacob no Ato III (vv. 2058-2072)⁴⁰ e no Ato V (vv. 4249-4263)⁴¹. Da comparação de ambas, concluímos que esta última retoma os primeiros treze versos do ato III, apenas com ligeiras alterações. Por esta via,

³⁷ Trujillo e Álvarez 2013.

³⁸ Soares 1995: 135.

³⁹ Pereira 2002: 136.

⁴⁰ Melo 2004: 278-279.

⁴¹ Melo 2004: 268-269.

pode justamente questionar-se se o *Iosephus* não é fruto de alguma colaboração dos alunos de Luís da Cruz.

A par do exercício escrito, verifica-se neste passo do Ato V o retomar da temática, com ligeira variação, acrescentando agora a introdução da figura alegórica do Oráculo, isto é, a voz de Deus, que entra em diálogo com Jacob e que aqui não se transcreve. A *dramatis constructio* denota, assim, um dos pilares fundamentais da pedagogia dos Jesuítas, uma repetição múltipla e variada⁴². E a completar o apontamento sobre a arte de bem falar, sobre a forma de exercitar a espontaneidade do discurso, que muito ganha com o exercício da escrita, deixa este alerta (3. 50):

Res autem se sic habet, ut brevissime dicam, quod sentio, composite et apte sine sententiis dicere, insania est: sententiose autem sine verborum et ordine, et modo infantia: sed huius modi tamen infantia, ut ea qui utantur, non stulti homines haberi possint, etiam plerumque prudentes

a questão assim se põe, para dizer muito brevemente o que sinto: falar com boa composição e adequadamente sem ideias, é uma loucura; mas falar com riqueza de ideias sem uma ordenação e adequação das palavras é uma incapacidade de falar; mas uma incapacidade tal, que aqueles que a usam, não podem ser tidos por homens estultos, muitas vezes até passam por sábios⁴³.

Este terceiro livro do manual do mestre Jesuíta, dedicado à elocução (*elo-cutio*), no capítulo I, depois de sublinhar que é nisto, sobretudo, que o orador se manifesta mais excelente que os outros, ele vai afirmar que a eloquência é própria do orador, é o seu campo específico, inspirando-se em Cícero⁴⁴. É para isso que se orienta o estudo, o exercício, a imitação (3.1): *eum autem eloquentem id est in eloquendo excellentem putat, qui ita dicit, ut probet, ut delectet, ut flectat. Sed probare necessitatis est, delectare suavitatis, flectere vero victoriae*, isto é, em vernáculo, *ele julga eloquente, isto é, excelente no falar, aquele que de tal maneira fala em público que prova, que deleita e que convence. O provar é próprio da necessidade, o deleitar da suavidade, o convencer porém da vitória*⁴⁵. Acima, já se havia chamado à colação o Livro IV do *De doctrina christiana*, de Santo Agostinho, onde se cita precisamente este passo.

A sugerir as *exercitationes* da pedagogia humanista, com particular destaque para a *uariatio* e a *correctio* dos *thema* propostos, de que se está a falar, há ainda o exemplo de um texto, protagonizado pelo *Vilicus*, o Feitor, no Ato I

⁴² Barbera 1999: 122.

⁴³ Soares 1995: 138.

⁴⁴ Cic. *De Or.* 2. 308; *Or.* 69.

⁴⁵ Soares 1995: 75.

(vv. 433-473)⁴⁶, que expõe, numa prolongada reflexão, pretensamente científica, a origem do espirro (*sternutatio*). Emprresta-lhe credibilidade uma *oratio ornata* que privilegiou a figura etimológica (*sternuo, sternutatio, sternutamenta*), a sugerir as *exercitationes* da pedagogia humanista, com particular destaque para a *uariatio* e a *correctio* dos *thema* propostos⁴⁷. O poeta, conforme os *praecepta* da poética aristotélica, enriqueceu ainda a *elocutio* com empréstimos gregos (*satrapae, mystagogi* e *Aetheris*), verbos compostos (*exponimur, recedimus, disploditur, circumfunditur*) e nomes compostos (*decempedis*), o que confere a este solilóquio elevação linguística⁴⁸. Com efeito, “a tríade educatioiva, *natura, ars, exercitatio* – que remonta aos pré-socráticos e conhece grande divulgação entre os sofistas e, sobretudo, a partir deles, através de Platão, Aristóteles, Cícero, Quintiliano – é a base sólida em que assenta o edifício ideológico da retórica escolar, bem como da criação literária do Renascimento”⁴⁹.

Este texto, exemplificativo de um exercício de apuramento do estilo, tendo em vista alcançar a *eloquentia perfecta*, bem pode enquadrar-se nestas palavras de Cipriano Soares (3.3), onde ele diz que *genus igitur dicendi est eligendum, quod maxime teneat eos, qui audiant, et quod non solum delectet, sed etiam sine satietate delectet*, isto é, em vernáculo, *deve pois escolher-se um estilo de discurso que extremamente prenda aqueles que ouvem e que não só dê prazer, mas também dê prazer sem saturação*⁵⁰.

Sendo esta base estética o que diferencia o texto retórico face à língua comum, o que é apreendido pelo auditório, por isso se pode afirmar também que a *elocutio* é a ponte natural entre a retórica e a poética.

Em sintonia com a tradição da retórica clássica, vai o autor jesuíta tratar da memória, da declamação, do gesto e da voz, ou seja, da *memoria*, da *pronuntiatio* e da *actio* no fim do Livro III, que ele dedica à *elocutio*. Operações retóricas intrinsecamente ligadas ao teatro e onde se torna visível a transferência técnica do ator para o orador sacro, para o pregador do púlpito. Com notável impacto na sociedade. O que releva a importância do uso da retórica no espaço público, diante de grandes auditórios.

⁴⁶ Melo 2004: 241-243.

⁴⁷ Soares 1986: 76.

⁴⁸ Arist. *Po.* 1458a 18-35; 1458b 1-16).

⁴⁹ Soares 2017: 28.

⁵⁰ Soares 1995: 77.

BIBLIOGRAFIA

- Aristóteles (1998), *Retórica*, Lisboa, IN-CM.
- Barbera, M. (1999), “Pedagogia e Didattica della *Ratio*”, *Rassegna di Pedagogia* 57: 111-123.
- Bertrán-Quera, M. (1986), “Introducción histórica y temática”, in Labrador, C. et al. (eds.), *La “Ratio Studiorum” de los Jesuitas – Traducción al castellano – Introducción histórica e temática – Bibliografía*, Madrid, Publ. Univ. Pontificia Comillas, 31-57.
- Carvalho, J. B. de (1980), *O Renascimento Português: em busca da sua especificidade*, Lisboa, IN-CM.
- Eire, A. L. (2002), *Retórica clásica y teoría literaria moderna*, Madrid, Arco Libros.
- Frèches, C.-H. (1953), “La tragédie religieuse néo-latin au Portugal. Le P. Luís da Cruz”, *Bulletin d’Histoire du Théâtre Portugais* 4, 2: 129-176.
- Ferreira, J. R. (1990), *A democracia na Grécia Antiga*, Coimbra, Liv. Minerva.
- Garin, E. (1964), *La cultura del Rinascimento*, Roma-Bari, Laterza.
- Garin, E. (2008), *L’Humanesimo italiano. Filosofia e vita civile nel Rinascimento*, Bari-Roma, Laterza.
- Homero (2005), *Ilíada*. Introdução e tradução de Frederico Lourenço, Lisboa, Liv. Cotovia.
- Júnior, M. Alexandre (2004), *Hermenêutica Retórica: da retórica antiga à nova hermenêutica do texto literário*, Lisboa, Alcalá.
- Júnior, M. Alexandre (2008), “Eficácia retórica: a palavra e a imagem”, *Rhêtorikê – Revista Digital de Retórica*, 1-26 (<http://www.rhetorike.ubi.pt/00/pdf/alexandre-junior-eficacia-retorica.pdf>) [último acesso: 2014.07.26].
- Luiz Fernando Klein, L. F. (1997), *Atualidade da pedagogia jesuítica*, S. Paulo, Edições Loyola.
- Kristeller, P. O. (1962), “Umanesimo filosofico e umanesimo literario”, *Lettere italiane* 14, 4: 388.
- Lusitano, Amato (1553), *IN DIOSCORIDIS / ANAZARBEI DE MEDICA / MATERIA LIBROS QVINQVE / ENARRATIONES ERVDITISSIMAE / DOCTORIS AMATI LVSITANI MEDICI.../ Cum Priuilegio Illustriss. Senatus Veneti ad decennium. / VENETIIS. MD LIII*.
- Margolin, J.-C. (1966), *Declamatio de pueris statim ac liberaliter instituendis*. Étude critique, traduction et commentaire, Genève, Droz.
- Martins, J. V. de Pina (1973), *Humanismo e Erasmismo na Cultura Portuguesa do Século XVI. Estudo e Textos*, Paris, FCG, Centro Cultural Português.
- Melo, A. M. O. P. (1969), *O homem perfeito de Cataldo Sículo*, Coimbra, Fac. de Letras.

- Melo, A. M. Martins (2004), *Teatro jesuítico em Portugal no Século XVI. A tragicomédia Iosephus do Pe. Luís da Cruz, S. J.*, Lisboa, FCG / FCT.
- Miranda, M. (2009), *Código Pedagógico dos Jesuítas. Ratio Studiorum da Companhia de Jesus (1599). Regime escolar e curriculum de estudos*, Braga-Évora-Florianópolis-Lisboa, Esfera do Caos.
- Miranda, M. e Lopes, J. M. M. (2018) (edts.), *Ratio Studiorum da Companhia de Jesus (1599): Regime Escolar e Plano de Estudos*, versão portuguesa de Margarida Miranda, Braga, Axioma.
- Miranda, M. (2012), “A retórica, chave de leitura do teatro jesuítico.” *Humanitas* 64: 115-126.
- Orta, Garcia de (1563), *Coloquios dos simples, e drogas he cousas mediçinais da India...* Impresso em Goa, por Ioannes de endem as x. dias de Abril 1563. annos.
- Paparelli, G. (1973), *Feritas, humanitas, diuinas. L'essenza umanistica del Rinascimento*, Napoli, Guida.
- Pereira, B. F. (2012), *Retórica e Eloquência em Portugal na Época do Renascimento*, Lisboa, IN-CM.
- Rebello, L. S. (1982), *A tradição clássica na Literatura Portuguesa*, Lisboa, Liv. Horizonte.
- Rocha Pereira, M. H. da (2000), “Os caminhos da persuasão na *Iliada*.” In *Actas do Congresso: A Retórica Greco-Latina e a sua Perenidade*, Porto, FEAA, I, 39-56.
- Rocha Pereira, M. H. da (2000), *Romana: Antologia de Cultura Romana*. Org. e trad. por M. H. da Rocha Pereira, Coimbra, IEC da Univ. de Coimbra.
- Rocha Pereira, M. H. da (2002), *Estudos de História da Cultura Clássica*. Vol. I. *Cultura Romana*, Lisboa, FCG.
- Rodrigues, F. (1939), *História da Companhia na Assistência a Portugal*. T. II/2, Porto, Liv. AI.
- Schmitz, E. (1994), *Os Jesuítas e a Educação – A Filosofia Educacional da Companhia de Jesus*, S. Leopoldo, Ed. Unisinos.
- Soares, Cipriano (1995, 1ª ed.), *Arte de Retórica*. Livros I-III. Introdução e tradução por Silvério Augusto Benedito. Lisboa, Fac. de Letras.
- Soares, Cipriano (1562), *De arte rhetorica libri tres ex Aristotele, Cicerone & Quintiliano praecipue deprompti / authore Cypriano Soarez ... – Conimbricae [sic], apud Ioannem Barrerium*.
- Soares, Nair N. C. (1986), “Mito, imagens e motivos clássicos na poesia trágica renascentista em Portugal”, in Melo, A. M. Martins (coord.), *Actas do Symposium Classicum I Bracaraense. A mitologia clássica e a sua recepção na literatura portuguesa*, Braga, Ed. Fac. de Filosofia da UCP, 67-93.
- Soares, Nair N. C. (1994), *O Príncipe Ideal no Século XVI e a obra de D. Jerónimo Osório*, Coimbra, INIC.

- Soares, Nair N. C. (2004), “Vias de intervenção no Renascimento. Génese do discurso literário”, in Nascimento, Aires A., Langrouva, Helena C., Martins, José V. de Pina e Earle, Thomas F. (eds.) AA. VV, *Humanismo para o nosso tempo. Estudos de homenagem a Luís de Sousa Rebelo*, Lisboa, FCG, 139-158.
- Soares, Nair N. C. (2017), “Internacionalização do saber e discurso literário no Renascimento”, in Soares, Nair de Nazaré Castro e Teixeira, Cláudia (Coords.), *Legado clássico no Renascimento e sua recepção: contributos para a renovação do espaço cultural europeu*, Coimbra-S. Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra / Annablume, 17-42.
- Trujillo, M. L. H. e Álvarez, J. V. (eds.) (2013), *Exempla fidei faciunt*, Madrid, Ed. Clásicas.